



1 DE SETEMBRO
DE 1957

Preço - 1\$50

CRÓNICA
Desportiva
N. 21

DEPOSITO LEGAL

- OUT. 1957

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA

FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.

RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958



MÁRIO DE AGUIAR apresenta
Todos os Domingos

CRONICA DESPORTIVA

N.º 21 — 1-9-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS

Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA.—Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P
(Anuário Comercial de Portugal)

CARA A CARA

Principia hoje a nova época de futebol. Aparentemente, nada a diferenciará das antecedentes. Os mesmos regulamentos, o mesmo regime de profissionalismo encapotado, os mesmos sistemas, as mesmas acanhadas ideias sobre a organização geral da modalidade. Por hipótese, as mesmas preocupações monetárias dos dirigentes, e no final da época, a contradizer, por um lado, e a justificar, por outro, a «dança» desenfreada das transferências de jogadores... e treinadores.

Haverá os protestos de sempre contra os homens da arbitragem — embora nesse capítulo não se esteja tão mal como se apregoa por vezes, a avaliar pelo que se tem visto em matéria de árbitros estrangeiros.

De tudo isto o que ressalta, manifestamente errado, a soar mal na já de si defeituosa orgânica futebolística portuguesa, é o regime de falso amadorismo, cada vez mais chocante à medida que se caminha abertamente para o profissionalismo declarado.

Não foram bem precedidas as tentativas para se dotar a modalidade com um Estatuto do Jogador, que definisse os direitos e deveres do futebolista português. Tentou-se o salto brusco de passar do nada para uma organização profissional, para a qual a maioria dos clubes não está preparada — o resultado foi perder-se (?) todo o esforço, e tudo continuar como estava.

Triste é confessar, porém, que, por motivo que não descortinamos se tivesse guardado sigilo sobre a última versão do «Estatuto do Jogador», que por acaso chegou ao nosso conhecimento, e que se nos afigura susceptível de discussão e aperfeiçoamento, acção esta que poderia ser levada a cabo nas colunas da imprensa. Prefere-se que o grande público ignore o trabalho honesto de quem procurou resolver o problema maior do futebol português? E porque não há-de este assunto ser tratado com desassombro, as claras com manifesta vontade geral de se acertar, e permitindo-se que sobre o problema, à medida que se vão desenvolvendo os estudos, se debrucem os homens de larga experiência ou outros cuja inspiração conduza à sua resolução definitiva?

Vai começar uma nova época de futebol — e vão repetir-se os erros do passado. Ficamos aguardando uma nova tentativa para a promulgação do Estatuto do Jogador — que saber esperar ainda é uma grande virtude.

Mas pode o nosso futebol continuar a esperar uma coisa que é essencial para o seu prestígio e para a honra de uma profissão que tarda a legalizar-se? Julgamos que não.

Não! Não é Yustrich

Este senhor de imponente figura que vemos aqui sorridente, apesar da chuva que lhe cai em cima, não é o treinador do F. C. Porto, Yustrich, como poderá parecer à primeira vista.

Não. Este, tem, realmente, por hábito, nos dias em que chove durante os treinos, enrolar uma toalha à cabeça, à guisa de tucuro.

O atleta aqui presente é o italiano Giuseppe Dordoni, medalha de ouro dos Jogos Olímpicos de Helsínquia, na prova de marcha, e que adopta este equipamento, bem normal, aliás, para se treinar nos dias de chuva.



O pugilista sangra já do rosto em condições dramáticas. No seu canto, já desiludido, ele repousa um momento, ainda na ânsia de poder recompor-se e continuar na liça.

K. O. TÉCNICO

Mas o K. O Técnico espreita-o. No meio do ring o adersário, espera-o freme, pronto a sová-lo de novo e a não «deixar fugir o pássaro que tem na mão»... Fora, a multidão grita, barafusta, vocifera, aplaude... O árbitro decide.

... E Jean Stock, o martirizado pugilista já não é campeão!



ESTA SEMANA FAZEM ANOS...

Coincidindo com a abertura da época, faz hoje anos o antigo jogador do Benfica, Eduardo José Corofeica. Nasceu em 1 de Setembro de 1925, no Barreiro.

Representou sucessivamente o Sp. C. Lauradiense em 1942-43; o Lauradiense em 1942-43; o Luso F. C. em 1943-44 a 46; o Benfica de 46-47 a 52-53; o Sp. Braga, de 53-54 e 54-55; e V. Setúbal, desde 1955-56.

Na segunda-feira, é António Maria Pinto, do Barreirense que completa 33

anos. Nasceu no Montijo, em 2 de Setembro de 1924. Estreou-se em 1940-41 no «Onze Unidos» da sua terra, que depois se transformou no C. D. Montijo.

Em 1952-53 transitou para o Barreirense.

Na terça-feira, festeja o 30.º aniversário um dos mais admirados jogadores de futebol — o «internacional» sportinguista João Baptista Martins. Nasceu em Sines em 3 de Setembro de 1927. Oficialmente, o seu primeiro clube foi o Sporting, que

serve desde a época de 1946-47.

Por último, e a festejar o 26.º aniversário temos outro «internacional», e dos melhores da actualidade: Hernâni Ferreira da Silva. Natural de Águeda, onde nasceu em 5 de Setembro de 1931, o popular Hernâni começou por representar o «Recreios de Águeda», em 1949-50, passou depois para o F. C. Porto em 1950-51, clube que tem representado à excepção da época de 1952-53; em que devido ao serviço militar, alinhou pelo Estoril.

O QUE FOI A TEMPORADA INTERNACIONAL EM 1956-1957

Agora que vai começar uma nova época, e que se afigura fértil em contactos internacionais é curioso evocar o que foi a temporada anterior nesse capítulo:

Setembro

No estádio «José Alvalade» o Sporting defrontou, no dia 5, o Celta de Vigo e venceu por 2-1. Exibição fraca dos «leões», mas vitória justa. O Sporting defrontou depois um grupo espanhol, o Valência, no seu estádio, na noite de 19, e nova vitória, desta feita por 3-2. Na noite de 24, o Belenenses, no seu formoso estádio do Restelo, recebeu o Stade de Reims e venceu-o, merecidamente, por 2-0. O F. C. Porto, no dia 26, apresentou-se no estádio de «San Mamés», em Bilbao, para defrontar o grupo local, para segunda «mão» da taça «Campeões Europeus». Perdeu por 3-2.

Outubro

Neste mês apenas um jogo de característica internacional — o Belenenses - Toulouse. Jogo nocturno, em que os «azuis» venceram pela diferença mínima (4-3).

Novembro

Também neste mês, que fechou o ano de 1956 no concerto internacional, só se realizou um encontro de futebol com equipas estrangeiras. Coube a vez de o Sporting ir a Valência. Perdeu por 2-0.

Janeiro

No primeiro encontro nocturno, da selecção nacional, a contar para o campeonato mundial, Portugal defrontou, no estádio «José Alvalade», a Irlanda do Norte, tendo empatado (1-1) e fazendo má exibição.

Fevereiro

No dia 17 a nossa selecção militar foi a França, defrontar, em Paris, a selecção (militar) francesa e perdeu por 3-1.

O Belenenses, no dia 19, novamente, em jogo nocturno, defrontou, uma equipa inglesa — o Newcastle — e voltou a ganhar (2-1). Sortilégio do Restelo...

Março

No dia 3 voltaram a defrontar-se, desta vez em Lisboa, no Estádio Nacional, as equipas militares de Portugal e da França e novamente os nossos militares averbaram uma derrota (3-1). Com esta derrota Portugal foi eliminado do Torneio Militar de Futebol. No dia 24 disputaram-se dois desafios de selecção entre portugueses e franceses (civis). No nosso Estádio Nacional defrontaram-se as equipas A, tendo os gauleses averbado a vitória por 1-0, mas os nossos rapazes bateram-se com galhardia. Em França, no estádio de Nantes, as equipas B empataram (1-1). Belo resultado para os lusos.

Abril

Neste mês houve três desafios internacionais de clubes. No primeiro, no dia 3, à noite, o Belenenses defrontou e derrotou, por 3-1 o Saint-Etienne, que no dia 17, no estádio das Antas, foi novamente derrotado pelo F. C. Porto (3-0). Na noite de 10 os «leões», no estádio «José Alvalade», bateram o Sevilha por 5-2, fazendo boa exibição.

Maió

Em Belfast, no dia 1, realizou-se o segundo Irlanda do Norte-Portugal, para a segunda «mão» da eliminatória da «Taça do Mundo». Portugal perdeu por 3-0. Exibição decepcionante. No dia 26, também para o mundial de futebol, Portugal defrontou a Itália, no Estádio Nacional e averbou a sua primeira vitória para a Taça «Jules Rimont». Portugal, 3 — Itália, 0.



Esta é a poderosa máquina futebolística do Benfica (effectivos, reservas, técnicos, massagistas e auxiliares), vedeta da temporada internacional deste ano.

Junho

No dia 10, primeiro aniversário da inauguração do estádio «José Alvalade», o clube «leonino» defrontou o Olympique de Marseille e perdeu por 1-0. Dia 11, no Rio de Janeiro, segundo Brasil-Portugal — derrota da equipa lusitana por 2-1, mas exibição a contento. Dia 16, no Pacaembu (S. Paulo), Portugal defrontou pela terceira vez o Brasil e terceira derrota e, desta vez, venceu, em Chamartin, na capital espanhola, a equipa francesa do Saint-Etienne. Ainda para o «Torneio Morumbi», no Brasil, o Belenenses deu boa réplica ao Flamengo, muito embora tivesse perdido por 3-1. Também neste mesmo dia, o F. C. Porto, nas Antas, venceu o First Viena, por 2-1 e dois dias depois foram os «leões» que jogaram com aquela equipa austríaca e venceram por 2-0. O Belenenses, no dia 26, efectuou o seu último encontro no Rio de Janeiro, defrontando a equipa do Dinamo de Zagreb, que lhes propiciou a sua única vitória no Brasil (2-0). No último dia deste mês, no estádio da Luz, o Benfica foi estrondosamente batido pelo Vasco da Gama, do Brasil, por 5-2.

Julho Agosto

Digressão brilhante do Benfica às Américas. A lista dos resultados foi a seguinte:

Flamengo, 0-0 e 1-1; América, 1-1; vitória contra o Palmeiro, por 3-0; derrota com o Santos F. C., 2-3; contra o Baía, derrota e vitória, por 1-4 e 2-1; Santa Cruz do Recife, 1-1; depois, vitórias com Tuna Lusa de Belem, (3-1), e, nos Estados Unidos, selecção da Nova Inglaterra (10-0) e Liga Americana (7-2).

Oxalá que a época que agora começa seja pelo menos tão brilhante como foi a que retratámos nestas páginas.



A dança do PARAGUAI

Esta atitude exótica do avançado-centro Ayla, um paraguaio que tem actuado, de há três épocas a esta parte, em França, será mera parte futebolística ou a exemplificação de alguma dança em voga no Paraguai?

MAR!...

VERÃO!...

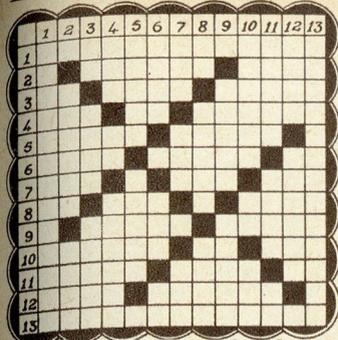
FÉRIAS



Estas duas encantadoras raparigas da África do Sul, brincando na elegante praia de Durban, ensinam-nos com a sua alegria de viver, estampada no sorriso franco e feliz, o amplo significado destas três palavras mágicas:

Mar! Verão! Férias!

Palavras cruzadas



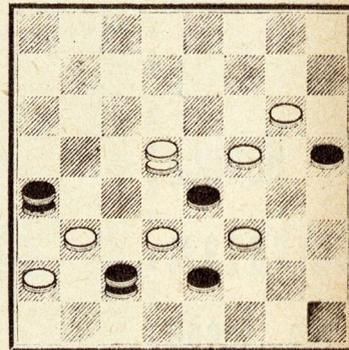
Horizontais: 1 — Clube da 11 Divisão de futebol; 2 — Móvel para serviço de bebidas em teatros, estações de caminhos de ferro, saraus, estádios, etc., designação inglesa de «equipa»; 3 — Partícula do dialecto provençal, branca, enganei; 4 — Satélite da Terra, gemido, pugilista francês trágicamente perecido há anos; 5 — Enfeitar, ocultei; 6 — Dirigente do Benfica, guardaredes brasileiro, símbolo químico do manganês; 7 — Dirigente da F. P. F., constelação zodiacal, divisão de um desafio em certos desportos (voleibol, ténis, etc.); 8 — Carta de jogar, conheço, calculei; 9 — Medida inglesa equivalente a 0^m 914, epiderme; 10 — Instrumento de tortura, prep. e art., prep. art. pl.; 11 — Jogador do Benfica, descerra, nota musical; 12 — Trama, ranal por onde se expelle a urina; 13 — relativo a classificação de nomes

Verticais: 1 — Continuação; 2 — Sarais, cidade francesa onde já jogou a selecção militar portuguesa; 3 — Símbolo químico do Pobódio; substância azulada; antigo internacional do Benfica; 4 — Rio de Portugal partes iguais, lioudam contas; 5 — Bafejar de cera; 6 — Apelido de um antigo pugilista português, que foi autêntico ídolo popular, passado, nota musical (art. 1); 7 Referente aos Etas, oxido de cálcio, anel; 8 — Nome de letra, jogador do S. Covilhã, jogador do Caldas; 9 — Antigo jogador do Benfica, feudo; 10 — Sublime, mulo, unidade do trabalho; 11 — Espécie de sola africana, flecha, gemido; 12 — Malsim, os jogadores que jogam entre os defesas e os avançados, 13 — Título dado aos cardeais



Damas

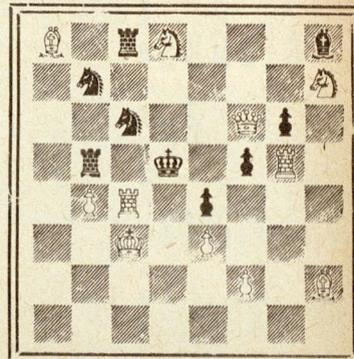
JÚLIO REIS FEVEREIRO



Jogam as brancas e vencem

Xadrez

Mate em dois lances



PITORESCO

Alverca e F. Benfica torceram pela fusão dos clubes de Vila Franca de Xira!...

Como é sabido, os clubes de Vila Franca de Xira — Águia Sport Clube Vilafranquense, Grupo Futebol Operário Vilafranquense, Ginásio Vilafranquense e o Hóquei Clube de Vila Franca — por fusão determinada pelas respectivas assembleias, constituíram-se um único clube, denominado União Desportiva Vilafranquense.

A primeira vista tratou-se de um problema de interesse puramente local. Mas não. A alguns quilómetros dali — em Alverca — e até mesmo, nos subúrbios de Lisboa, em Benfca, «torceu-se» pela fusão.

É verdade! As simpáticas colectividades «Alverca» e «F. Benfca» seguiram com especial interesse os trabalhos pró-fusão dos clubes vilafranquenses. E se tivessem voto na matéria, era certo que votariam entusiasticamente a favor.

Mas, porquê? — perguntará o leitor. Vamos explicar — que parece que a «coisa» passou despercebida...

A história começou... no Nacional da II Divisão. O S. L. Olivais, a despeito da sua muito boa vontade, não conseguiu evitar ficar em último lugar na zona Sul do campeonato nacional da II Divisão. E como tal baixou de Divisão. Por sinal era da II (nacional) e baixou... à I (regional) — enfim, uma confusão de divisões que mostra bem que seja em nomenclatura, seja em orgânica, o futebol português é um pouco confuso.

Mas prossigamos: com a baixa do S. L. Olivais, estalou o alarme nas Divisões da A. F. L. porque entrando aquele intruso, o último classificado (foi o Alverca) baixaria automaticamente à II Divisão regional, para ficar com o mesmo número de concorrentes. E o mais engraçado é que isto reflectia-se também na II Divisão da A. F. L., porque recebendo, por sua vez o intruso da I (Algarve), teria de fazer baixar o seu último à III Divisão regional.

Enfim, numa sucessão de quedas, que nos faz lembrar certas fitas cómicas — e tudo isto só porque o S. L. Olivais não se aguentou no balanço, lá no campeonato nacional da II Divisão...

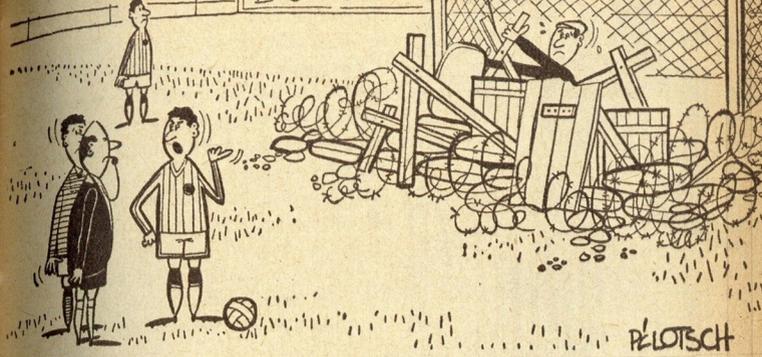
No meio deste alarme surgiu uma luz salvadora: com a fusão dos clubes de Vila Franca de Xira passaria a haver menos um clube na I Divisão da A. F. Lisboa. Isto porque o Águia e o Operário Vilafranquense faziam parte daquela divisão e, portanto, fusionando-se davam lugar a outro... E esse outro — quem havia de ser? — era o intruso S. L. Olivais, que descera da II Divisão nacional à I Regional!

E pronto, já não foi preciso o Alverca descer à II Divisão, e o último desta, baixar à III, e assim sucessivamente...

O Alverca contentou-se em disputar jogos de competência com o campeão da II Divisão regional (o Povoense), sorte essa que estava reservada ao F. Benfca, se baixasse automaticamente, o Alverca. Este ganhou ao Povoense, nos jogos de passagem, e por sinal não houve passagem nenhuma, isto é, ficou tudo como estava, só com a diferença de que o S. L. Olivais faz agora parte da I Divisão da A. F. L. O Vila Franca de Xira tem apenas um representante — mas um que vale por quatro...

Eis porque dizemos que pela fusão dos clubes vilafranquenses «torceram» os adeptos e jogadores do Alverca e do F. Benfca.

HUMOR NO DESPORTO



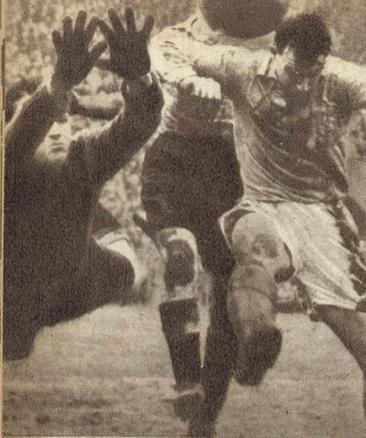
— Sabe, «sor» árbitro, o nosso guarda-redes anda a sofrer um complexo de inferioridade.

SABE QUE EQUIPA É ESTA?

As equipas perfiladas. Mais um Portugal-Espanha — o 2.º

Da esquerda para a direita: Francisco Ferreira, capitão, Serafim, Félix, Peyroteo, Travaços, Canário, Jesus Correia, Vasques, Albano, Virgílio e Barrigana. Pergunta-se: como alinhou a selecção? Que substituição houve? Qual o resultado do encontro. Quem marcou o golo dos portugueses?





direita, denotam, nas atitudes escondida de um e bem às claras do outro, o perigo que para ambos constituiu a piqueta do adversário.

Finalmente, a segunda foto é um instantâneo de rara beleza, em todos os seus aspectos. Desde o voo, mãos bem abertas, do guarda-linha à impetuosidade do centro-avante» contrário, passando pela atitude do defesa, cujo rosto não se vê, mas se adivinha, tão cheia de vida é a imagem.

Para quem pensa que só os latinos praticam futebol tão pleno de dinamismo, aqui fica uma amostra de que não é assim...

Dinamismo do Futebol Belga

O desporto continua sendo uma fonte inesgotável de expressões e de atitudes, realmente extraordinárias que alguns fotógrafos sabem explorar com inteligência.

Estes dois documentos provam-no eloquentemente e, a cada um deles, nós poderemos emprestar as legendas adequadas.

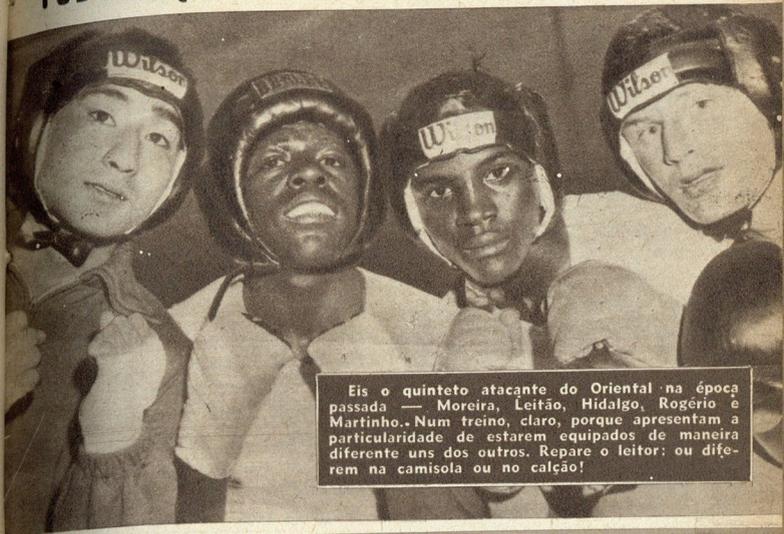
Por exemplo, a fase representando o dianteiro a entrar de «bicicleta», fazendo jogo perigoso: A bola já partiu. O médio-centro, à esquerda, cujo número 5 se nota bem na camisola e o seu colega da

Ou não chamassem à selecção da Bélgica os «diabos vermelhos» — tão impetuosos eles se comportam, tanto em «casa» como fora...



PARA PASSAR O TEMPO

TODOS EQUIPADOS DE MANEIRA DIFERENTE



Eis o quinteto atacante do Oriental na época passada — Moreira, Leitão, Hidalgo, Rogério e Martinho. Num treino, claro, porque apresentam a particularidade de estarem equipados de maneira diferente uns dos outros. Repare o leitor: ou diferem na camisola ou no calção!

UM QUARTETO DE RESPEITO

O ar decidido destes rapazes do pugilismo é ainda acentuado pelo seu capacete original, próprio para treinos.

Cada um, em seu tipo, representa a variedade das populações dos Estados Unidos. Da esquerda: Choken Maekawa, das ilhas Hawaí; depois, os negros Smith e Shaw, de Missouri; por último o louro Rouse, de Montana.

Confessemos, que os quatro jovens não parecem lá muito tranquilizadores, pois não? Não desejaríamos ter qualquer questão com este simpático quarteto...



O brasileiro EDISON

prepara-se afincadamente para ser

a sensação estrangeira do "Nacional-1958"

Chama-se Edison Campos Martins, é brasileiro, tem 26 anos e jogou no «mais querido» do Brasil, o Flamengo.

Nos campos de jogos é conhecido por Edison, mas fora deles é... o dr. Edison, formado em odontologia.

Pois o médio Edison é uma das «certezas» do Belenenses para a próxima época. Possivelmente será ele a fazer par com o valoroso Vicente, pelo menos assim o crê a maioria da «família azul», conhe-

cedora como já está através das provas prestadas, da boa classe do «crack» brasileiro.

No decorrer de um treino no Restelo (de que damos sugestivas imagens) tivemos ocasião de registar algumas palavras do futuro «titular» do Belenenses:

— Já tinha passado duas vezes em Lisboa. Com pouca permanência, claro, visto seguir em viagem. Uma vez em 1952, a caminho de Helsínquia onde fui aos Jogos Olímpicos com a equipa do Brasil.

Depois com o Bangu, numa digressão à Europa. De ambas as vezes espirei, mas... pouco ou nada vi.

De facto, Lisboa é maravilhosa. E no Belenenses tenho encontrado um carinho inexecedível. Sinto-me deslumbrado ante tanta gentileza.

— Os seus projecos, quais são?

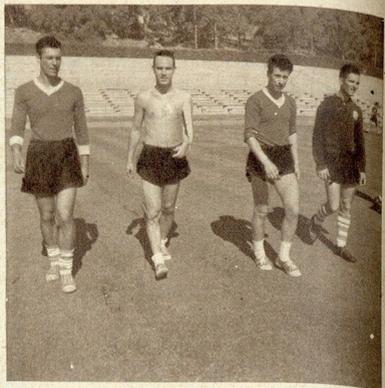
— São bem simples. Fazer por corresponder a tanta amizade que me têm demonstrado e provar que sou digno dela. Como jogador sei que valho qualquer coisa, portanto posso afirmar que dado encontrar-me bem acompanhado (o Belenenses tem nos seus quadros grandes jogadores) aguardo confiado o futuro, convicto de que esta época os «torcedores» belenenses terão bastos momentos para vibrar. Verão!...

A nosso lado alguém nos segredou:

— Vai ser a sensação estrangeira do próximo campeonato.



Há-de ser a minha
melhor época
de sempre ainda
que seja o canto
do cisne



O internacional Manuel Vasques que no encontro da final da época anterior, entre o Sporting e o First Viena sofreu um acidente, tendo sido operado a uma clavícula, encontra-se de todo refeito e pronto a regressar aos campos de jogo.

Ei-lo no período de convalescença e adaptação, ainda com o braço ao peito, afirmando-nos então:

—Aguardo ansioso a nova época pois sinto enorme «fome de bola». Se tudo me correr pelo melhor e não sofrer acidentes espero fazer a minha melhor época de sempre. Será assim a modos, o «canto do cisne», mas o que garanto é que o Vasques ainda não está acabado e dará que falar...

Soluções dos passatempos deste número

XADREZ — 1 f 2 - f 3.

DAMAS — 19-29, 29-25, 18-22, 8-12, 22-27 e 21-26 e ganham.

PALAVRAS CRUZADAS — **Horizontais:** 1. Portalegrense. 2. Bufete; team. 3. Oc, alva, menti. 4. Lua, ai, Ardan. 5. Omar, calei. 6. Naia, Pavão, M N; 7. Gil, Leo, set. 8. As, sei, medi. 9. Jarda, cutis. 10. Eculeo, aos. 11. Naldo, abre, si. 12. Teia, uretra. 13. Onomatológico. **Verticais:** 1. Prolongamento. 2. Curais, Caen. 3. R.B, anil, Júlio. 4. Tua, aa, saldarn. 5. Aflar, céreo. 6. Levi, ido, ut. 7. Eta, cal, aro. 8. Ce, Cavem, Abel. 9. Melão, corto. 10. Etereo, mu, erg. 11. Neudi, seta, ai. 12. Sata, médios. 13. Eminentíssimo.

Foto-enigma — 1.ª Barrigana (F. C. P.); Virgílio (F. C. P.) e Serafim (Bl.); Canário (Sp.); Félix (Bf.) F. Ferreira (Bf.); Jesus Correia (Sp.); Vasques (Sp.); Peyroteo (Sp.); Travaços (Sp.) Albano (Sp.). 2.ª: Feliciano (Bl.), substituir Félix. 3.ª: Empate: 1-1. 4.ª: Colo de Peyroteo.



Todos os anos o Boavista (como dezenas doutros clubes) vê-se asoberbado pela dança das «transferências». Todavia, algo se está a fazer para modificar este estado de coisas. E não há como criar escola, contratar um técnico capaz para uma obra em profundidade. Artur Baeta é esse homem. E matéria-prima não falta.

Recentemente efectuou-se um festival dos Juniores do Boavista, em que tomaram parte os jovens de várias secções do clube, como futebol, andebol, basquetebol

e hóquei em patins, num total de cem juniores!

A foto mostra-nos entre António Caiado e Artur Baeta duas equipas juvenis de futebol, que, confiadas às mãos experientes daqueles técnicos, decerto alguma coisa de benéfico darão ao grande clube do Porto.

Uma ideia simpática, e que mostra o tacto dos dirigentes «boavisteiros» e do novo treinador, é que este tem em organização no próprio campo do Bessa uma biblioteca. Que não só de chutos na bola vive o jogador...

O BOAVISTA
TEM UM ALFOBRE
DE JOGADORES

O Atletismo Feminino no Sporting voltará ao seu esplendor de outrora?

O atletismo feminino conheceu no Sporting, no período de 1935 a 1945, raro esplendor — nos tempos que os entusiastas da modalidade não olvidam, de Ester Moura Cabral, Margarida Salazar Carreira, Lucinda Rosa, Olga Ribeiro, Ester Ramos, Hedi Sá, Dália e Natália Cunha e outras.

Hoje, porém, parece voltar a esse tempo, a avaliar pelo movimento que vai pelas pistas do moderno estádio Alvalade. Todos os dias, à tardinha, o professor Hans Lipka, dedica trabalho insano à preparação das dezenas de alunas azougadas, em corridas, saltos e lançamentos. Muitas ilusões de glória se esfumam, mas a maioria, estamos certos, singrará, que vontade e habilidade não lhes faltam.

Eis alguns aspectos dos treinos nas pistas de Alvalade, onde reinam agora a alegria e a graça feminis de saudáveis raparigas portuguesas.

GRAÇA E ALEGRIA NAS PISTAS DE ALVALADE





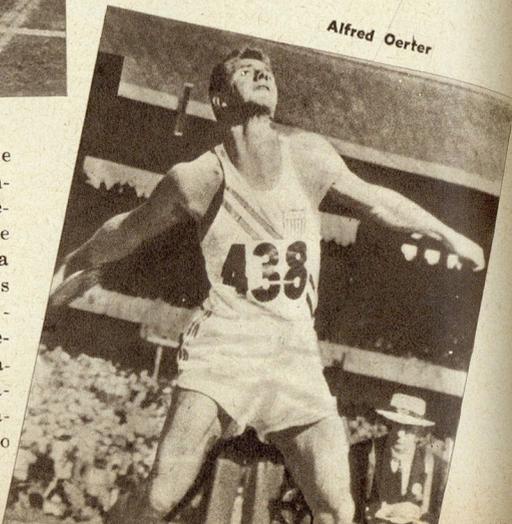
Diane Lather

A popularidade do Atletismo na Inglaterra e na América pode avaliar-se pelo número e pela qualidade dos seus praticantes. Realmente, tanto ingleses (incluindo as nações da Comunidade) como americanos têm dado ao

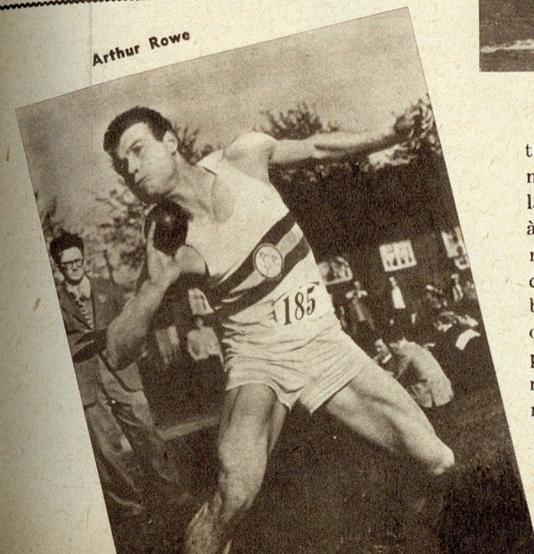
atletismo algumas das suas «estrelas» mais brilhantes, quer masculinas quer femininas.

Ainda há pouco tempo em White City se realizaram duas importantes reuniões de Atletismo, nas quais se estabeleceram novos recordes mundiais, americanos, ingleses e europeus; os campeonatos nacionais britânicos e o encontro internacional Londres-Nova Iorque, e as imagens reproduzidas revelam quatro atitudes e estilo correcto

ATLETAS AMERICANOS E INGLESES EM EVIDÊNCIA



Alfred Oerter



Arthur Rowe

de quatro atletas que tomaram parte nos torneios acima citados e que triunfaram nas provas em que intervieram: os americanos Tom Courtney, recordista mundial 880 jardas, em 1 m. e 48 s., tempo estabelecido em Los Angeles, em Maio último, foi o vencedor dos 1.000 metros em 2 m. 19 s. e 3/10, estabelecendo com este tempo novo recorde americano e Alfred Oerter, campeão olímpico, vencedor do lançamento do disco à distância de 56, 49 m.



Courtney

Os ingleses Arthur Rowe, campeão nacional britânico de lançamento de peso à distância de 16. 38 m. e Diane Lather, campeã nacional britânica da milha e dos 880 jardas respectivamente em 4 m. 55 s. e 3/10 e 2 m. 9 s. e 4/10.

COMO SE ENTRA EM ALVALADE SEM PAGAR BILHETE

No dia da chegada dos ciclistas da «Volta a Portugal», no Estádio de Alvalade, podemos apreciar devidamente a artimanha de meia-dúzia de entusiastas do desporto (necessariamente magros) aos quais, as disponibilidades financeiras não permitia aproximarem-se das bilheteiras... Não se atrapalharam e resolveram o problema da forma que o leitor verificará na foto.

Na verdade, nem sempre as portas fechadas querem dizer... que estão trancadas.

Esta atleta de figura estranha e de olhos que parecem brasas, é uma das maiores promessas do atletismo centro-americano.

Ao admirar o seu estilo, não podemos deixar de focar que há luminosidade nos seus olhos, concentração... e elasticidade felina!

Trata-se de Bertha Diaz, grande figura do atletismo Cubano.

A
atleta
de
CUBA



JACINTO

o jogador pendular

O jogador do Benfica que o público vai homenagear não é um atleta vulgar. Nunca como o Jacinto do Carmo Marques caiu tão bem o epíteto de «jogador pendular».

Em toda a sua carreira foi de uma regularidade espantosa. Fosse qual fosse o adversário, fizesse sol ou chuva, em campo relvado ou pelado, em «casa» ou «fora» — Jacinto parecia um pêndulo. Nem jogadas fulgurantes nem falhanços. A própria regularidade era o fulgor da sua actuação.

Jacinto nasceu em 1 de Novembro de 1921, numa localidade vizinha da Cova da Piedade, que se chama Barrocas.

Sobrinho dos famosos desportistas Silva Marques — dois

A primeira equipa de Jacinto — o Liberdade, da Mutela.



nadadores e um futebolista — Jacinto bastante cedo se sentiu atraído para o desporto. Primeiro a bola trapeira. Depois num grupo popular de futebol, denominado «Os azuis». Tinha então 13 anos.

Passou depois para o Liberdade F. C., de Mutela. Passado pouco tempo novo clube: o Sporting Piedense, primeiro clube oficial. Depois um empréstimo por uma época ao Aldegalense.

Voltou ao Sporting Piedense. O seu lugar então era de médio de ataque. Era notável o seu pontapé de recarga...

Em Lisboa, já corria fama de que na Cova da Piedade havia um jogador muito jeitoso.

O Carcavelinhos antecipou-se, tratou da transferência — e um belo dia Jacinto apareceu na Tapadinha.

A transrência não arruinara nem enriquecera ninguém. O Carcavelinhos pagou 300 escudos ao Sporting Piedense e deu 100 escudos a Jacinto!

Moreira e Jacinto, um duo que se entendia às mil maravilhas, e que era muito difícil de passar.



Principiou na reserva e por coincidência a estreia foi contra o Benfica. No primeiro «team» do Carcavelinhos, estreou-se contra o Sporting e perdeu por 9-0.

As suas actuações começaram a dar nas vistas. Um dia recebeu um convite para treinar no Campo Grande. Aceitou com alvoroço, pois o Benfica fora, desde miúdo, o clube da sua predilecção.

Ficou. O Benfica pagou pela sua «carta» a quantia de 10 contos. Quanto a Jacinto já se deu por muito feliz em receber a honra de representar o «seu» Benfica.

Tinha então 22 anos. Quinze anos decorreram — e Jacinto continua na mesma a ser o jogador seguro e imensamente útil.



Jacinto, quando ainda era jogador dos «populares» e não tinha ficha na Federação...



Três homens da margem de lá que deram que falar no Benfica — Félix, Arsénio e Jacinto.

botas. Sai em beleza — festejado por todos: dirigentes, colegas, consócios e críticos. E lembrando os seus seiscentos jogos sem castigo, Jacinto pôde dizer que valeu a pena.

Um veterano eternamente jovem. Houve porém uma altura em que a sua situação perigou no Brasil.

Foi na época em que apareceu Artur Novo, pujante, o rapaz de Paço de Arcos fazia-lhe uma sombra dos diabos. Chegou a pensar-se em dispensa de Jacinto, que então já entrara na casa dos trinta...

Veio Otto Glória e tudo se modificou. Artur passou para defesa central, e Jacinto continuou a defesa direito. E o Benfica conheceu então alguns dos mais brilhantes triunfos do seu rico historial.

Ao longo destes quinze anos de serviços no Benfica, Jacinto do Carmo Marques fez parte das equipas que ganharam uma Taça Latina, três campeonatos nacionais e quatro Taças de Portugal.

Foi ainda, «internacional B» em 1947, representando uma injustiça não ser chamado mais vezes.

Com 36 anos, quase, Jacinto julga chegado o momento de arrumar as



Na função de «capitão» de equipa, num jogo internacional.





Festa de homenagem e... de despedida

Tudo leva a crer que Jacinto se retirará da actividade desportiva após a sua festa de homenagem. No Benfica não é hábito (tem havido casos contrários) os jogadores que são alvo deste género de consagração continuarem ao serviço do clube. Como por outro lado Jacinto tem recusado alguns convites doutros clubes, é natural que não jogue mais à bola. A não ser que receba alguma proposta excepcional...

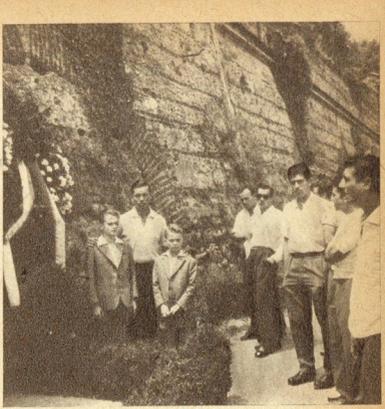
Dizem-nos porém que há muitos desportistas da Cova da Piedade que o desejariam ver na equipa da terra, mesmo como amador...



Protegendo Costa Pereira.



A caminho do Brasil.



Romagem do Benfica a Superga, onde pereceram trágicamente os jogadores do Torino.



Jacinto em acção!





Com Bastos, um jogador reserva que frequentemente é seu adversário nos treinos.



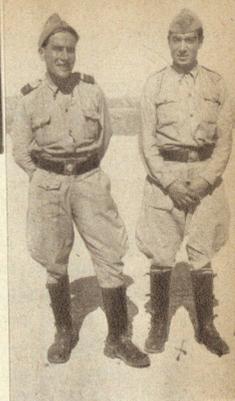
Aguardando a hora de partida, junto de Bastos e Fialho.



Rodeando o dirigente José Ricardo Domingues. Reconhecem-se: Ângelo, Salvador, Caiado, Arsénio, Jacinto, Vieira, Palmeiro e Bastos.

VIRGÍLIO

o «leão de Génova»



Virgílio na tropa, ainda longe de sonhar que se tornaria «subrecordista» de internacionalizações.



Em 17 de Novembro de 1927 — há quase trinta anos, portanto — nasceu no Entroncamento um rapaz a quem puseram o nome de Virgílio. Havia de dar bastante que falar, tanto como não imaginariam os seus pais — o empregado ferroviário José Maria Mendes e sua esposa, Maria de Jesus.

O casal teve cinco filhos, dos quais três eram rapazes — e todos estes vieram a ser jogadores de futebol. Virgílio foi o que mais se notabilizou. Os outros — o Zeca e o Germano — seguiram carreira diferente, o último cedo abandonando a competição oficial por questão de saúde.

A rapaziada jogava em todo o lado onde pudesse ser. Na rua, na escola, num terreno do quartel militar local...

Formou-se então, por iniciativa de Virgílio e doutros rapazes mais espigadores o «Onze Maravilha». Equipamento à Estoril Praia, pago a prestações...

Foi nesses jogos que Virgílio se moldou como jogador de grandes recursos. Jogava a interior e era o terror dos guarda-redes da região.

O «Onze Maravilha» acabou por se desmantelar. Em chegando à idade de jogar oficialmente, os seus melhores elementos desertaram. E o Virgílio também...

O Ferrovário do Entroncamento recebeu-o de braços abertos. Aliás, o jovem futebolista do Entroncamento empregara-se nas oficinas da C. P. e era então modesto funcionário.

No dia 18 de Novembro de 1945 recebeu uma grande alegria. Fez 18 anos e... estreou-se no Ferrovário do Entroncamento. Jogo de campeonato, contra o Matrena. vitória por 1-0, golo de Virgílio!

Começou a dar que



EM CIMA: Uma foto muito curiosa. Os jogadores portugueses assistem a um jogo em Génova, cidade onde Virgílio se estreou na selecção nacional e recebeu o cognome de «leão de Génova». Reconhecem-se na assistência: Virgílio, Albano, Serafim, Francisco Ferreira e Travaços. EM CIMA: Duelo um tanto estranho pelo desvio da bola, entre Virgílio e o estorilista Andrade.



«Cara» ou «coroa»?



Homenagem de um «ferrenho portista»...

falar o filho do sr. José Maria Mendes. Ao sr. Malta, presidente do Operário de Vila Franca de Xira atentar nas qualidades de Virgílio. Quis levá-lo para o seu clube,

do F. C. Porto e convidava-o a ingressar no seu clube.

Virgílio ficou de pensar no caso e foi o dr. Saraiva Caldeira, advogado na Golegã, que interveio decisivamente, levando o rapaz ao Porto.

os pais do jovem não lho consentiram.

Depois, um cunhado de Virgílio, o sr. Júlio Vieira Bento, sócio do Benfica, levou-o a treinar ao Campo Grande. Por lá se manteve durante três semanas. Não foi aprovado!

O nosso herói sentiu grande desgosto, porque ele era então benfiquista de verdade...

Treinou também no Elvas, sob as vistas de Severiano Correia, que só não o contratou porque o dinheiro não chegava. E Virgílio, a deixar o emprego na C. P., só com boa compensação.

Virgílio voltou melancolicamente ao trabalho. Um dia, surgiu-lhe uma surpresa. Um cavalheiro alto desceu do comboio que estacionava algumas horas no Entroncamento e depois de se informar de quem era Virgílio, aproxima-se daquele rapaz, modestamente envergando fato de macaco sujo de óleo e apresentou-se. Que era Soares dos Reis, antigo guarda-redes internacional

Virgílio treinou e logo agradeceu. O treinador era Josef Szabo. Nem o queria deixar seguir para o Entroncamento...

Todavia, o contrato foi bastante modesto. O F. C. Porto pagou 5 contos (!) ao Ferroviário, fez mais tarde um jogo no Entroncamento, deu 3 contos de luvas a Virgílio e ordenado mensal de 800\$00.

Estreou-se na 1.ª categoria num jogo contra o Leixões, marcando dois golos. Era então interior esquerdo. Algumas vezes foi avançado-centro, como contra o Valência, em que marcou também o golo da vitória.

Apesar das boas provas prestadas, o treinador Scopelli mandou-o um dia para defesa esquerda. Virgílio até chorou quando viu que insistiam com ele para passar a jogar a defesa. Mas estruturalmente, cumpridor foi desempenhando o lugar, da melhor maneira que sabia. Veio Vaschetto, e mudou-o para defesa-direito.

Triunfou admiravelmente no seu novo lugar e em breve atingiu a selecção nacional.

Estreou-se na equipa de todos em Génova, contra a Itália. Jogou de tal modo, que ficou cognominado para sempre o «Leão de Génova».

Já representou 28 vezes o nosso



Virgílio ou Pinho defenderão!



Estupenda foto, que mostra o sentido de oportunidade de Virgílio. Ei-lo dentro da baliza, pronto a salvar o golo que Pinho e Osvaldo já não podem evitar.

País nos concertos internacionais. É o segundo classificado da pauta de internacionalizações, a seis do recordista que é Travaços.

Já visitou meio mundo: a Espanha,



O presidente da Federação, ten.-cor. Ângelo Ferrari, entrega a Virgílio a «Taça de Portugal» de 1956.



O grupo de internacionais do F. C. Porto (a que posteriormente se juntaria Miguel Arcaujo): M. da Costa, C. Duarte, Virgílio, Pinho (56 «B»), Hernâni e Pedroto. Virgílio conta quase tantas internacionalizações como os companheiros juntos (na «A»: Virgílio 28, M. Costa, 4; C. Duarte, 1; Hernâni, 12 e Pedroto, 16).

Itália, Grã-Bretanha, Áustria, Bélgica, Irlanda do Norte, Turquia, Egipto, Brasil, Venezuela...

O antigo jogador ferroviário triunfou em toda a linha. Merece incontestavelmente a homenagem que lhe vai ser prestada. Mais. Virgílio joga em Lisboa no próximo dia 8. Impõe-se que o público da capital o homenageie também, manifestando ao defeso direito da selecção nacional o apreço que é devido às suas qualidades de desportista leal, pundunoroso e técnica-mente valoroso.



Os jogadores do F. C. Porto, assistindo a uma missa.



O casamento de Virgílio.

Virgílio e sua esposa assistem a um desafio de futebol. Virgílio-espectador é uma perspectiva de um futuro próximo...



NESTE NÚMERO

A história de Jacinto e Virgílio - atletas pundonorosos que o público vai muito justamente homenagear

